

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

ENTREVISTA

## ENTREVISTA COM VILÉM FLUSSER PUBLICADA NO JORNAL DA TARDE DE 23 DE AGOSTO DE 1986<sup>1</sup>

*Jacob Klintowitz*

*Transcrito por: Estandelau Passos<sup>2</sup>*

**Nota da editora:** Jacob Klintowitz traça um perfil bastante tendencioso de Vilém Flusser. O entrevistador exemplifica, com seu texto introdutório, a falta de isenção e de verdade das imagens e dos textos, tese que ele mesmo elogia ao mencionar uma conferência do filósofo sobre as imagens técnicas. Outra ressalva importante se refere aos dados bibliográficos. O caráter ficcional que Flusser atribui à ciência é característico de seus textos e, principalmente, de suas biografias. Como mostra Gustavo Bernardo Krause, Flusser fazia de sua vida uma ficção, tendo contado diversas histórias diferentes tanto sobre sua saída da República Tcheca, quanto sobre sua vida posterior. Esta entrevista está sendo publicada justamente por ela traçar o perfil ambíguo do filósofo e enfatizar a importância da técnica em seu pensamento. O personagem ao mesmo tempo odioso e fascinante traçado por Klintowitz, exemplifica as múltiplas facetas do pensamento flusseriano e pode tornar mais próxima uma obra composta por uma quantidade absurda de textos curtos, diretos, que versam sobre todo tipo de problema ou coisa e que defende, com a certeza absoluta de não ter muitas certezas, os argumentos até que o texto acabe e o filósofo inicie um outro, defendendo o contrário.

**Pintar a Mona Lisa, hoje, seria fazer lixo. Se estivesse entre nós, na era da Cibernética, Leonardo da Vinci provavelmente usaria um computador, não o pincel. A pintura está morta. A teoria é do checo Vilém Flusser, que a discute com nosso crítico Jacob Klintowitz.**

Vilém Flusser poderia ser um intelectual típico: ele sabe muitas coisas, tem absoluta convicção de que está certo, ao mesmo tempo declara que não tem convicção de nada, inclusive de não ter convicções, irrita-se com as discordâncias, cita com facilidade, faz

---

<sup>1</sup> Entrevista cedida pelo Arquivo Vilém Flusser - São Paulo:  
<http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>

<sup>2</sup> Mestrando do PPGArtes - UEMG. Endereço de email: [estandelau@yahoo.com.br](mailto:estandelau@yahoo.com.br)

referências a alguns amigos famosos, procura de maneira sutil cativar o público, declara com orgulho que é dotado de grande carisma e, em seguida, afirma não pretender utilizar o carisma porque não é nenhum Hitler. Parece tipicamente intelectual, mas Vilém Flusser é inteiramente inviável, tudo se transforma numa polêmica, ele nos irrita, ofende, faz declarações absurdas, ama o som da própria voz e, quando nos fala, no seu jeito peripatético, caminhando sem cessar, nos dá a impressão de que nos escuta e deseja estabelecer pontos de contato. Ele tem prazer nessa luta verbal ininterrupta. É cego de um olho e, em muitos momentos, acreditamos que ele vê de um só jeito para, em seguida, nos oferecer muitas versões da mesma ideia. Flusser é odiado como reacionário e é odiado como revolucionário. Os pintores não suportam Vilém Flusser e a sua teoria do lixo contemporâneo. A esquerda não suporta a sua teoria pós-industrial. Mas ele, inviável e irritante, é fascinante. Como ele mesmo diz, tem carisma.

Vilém Flusser nos recebeu num pequeno hotel-residência. Logo terá outros compromissos. A sua volta há um casal de namorados. Ele faz cinema e vídeo. A moça de 20 anos não diz nada, é plácida e quieta e, indagada, apenas aponta o cineasta e diz que é namorada dele. Ao final da entrevista, exaltado com minhas provocações, Flusser foi abominável: declarou ter 67 anos e não ser jovem, bonito e burro como a moça presente. Ela continuou plácida e bonita e fiquei na obrigação de insinuar que o desejo frustrado traz esse tipo de irritação nos adolescentes. Na despedida, Flusser empalmou as mãos da moça e, procurando ser encantador – mais abominável ainda, um fauno fora do bosque –, perguntou se havia sido ofensivo. A moça continuou plácida e indiferente. Uma cena miserável, o intelectual europeu, versado em teorias e idiomas, o andar compulsivo e agitado, esbarrando na juventude indiferente. Um pouco do professor de “O anjo azul”. A diferença é que Flusser não se humilha, não se dá conta de nada e tudo se passa unicamente em sua cabeça. Ele imagina a cena romântica, a agressão, a sedução, e vive isto como se fosse a única realidade existente. O seu poder de convencimento é grande. Talvez seja a realidade. O cineasta me declara que encontrou em Flusser um verdadeiro estímulo, um homem aberto e flexível. Como é possível?

É este terrível Flusser que nos interessa. Ele tem percorrido as universidades da Europa e dos Estados Unidos, participando de polêmicas, dando conferências, autografando livros. Vilém Flusser é um homem que discute. Nos próximos dias, na Europa, na Alemanha, ele estará num debate com Abraham Moles, o grande teórico da comunicação contemporânea – Franz Kafka era primo de sua mãe e lhe contou muitas piadas. Roland Barthes, o magnífico e delicado teórico do prazer, era seu amigo pessoal. Tudo parece girar rápido com Flusser e ele conta das dezenas de polêmicos debates, se diz aposentado da universidade e acredita que sua vida é um grande sucesso e um prazer continuado. Sabe-se lá o que ele entende por prazer. Lembro de uma conferência sua, em 1981, sobre as tecno-imagens, quando ele denunciava a ideologia do aparelho e mostrava a parcialidade da fotografia ou da imagem da televisão. Também nesta conferência ele caminhava sem parar e escrevia coisas numa lousa. Na nossa entrevista ele se queixou duas vezes da falta de giz. Afinal, trata-se de um professor.

A conferência de Flusser foi brilhante. Ele defendeu a tese de que as imagens da tecnologia, as tecno-imagens, a fotografia, a televisão, tinham intenção, não eram isentas e verdadeiras. A origem do totalitarismo contemporâneo baseia-se no fato de as pessoas acreditarem que estas imagens são verdadeiras: “Eu vi com meus próprios

olhos”. Flusser apregoa uma intervenção revolucionária nas centrais de controle cibernético. Mas esta contrapartida, este ato revolucionário só será eficaz se for, igualmente, cibernético. Flusser é contra revoltas românticas. No seu hotel e na sua pequena sala ele vocifera contra uma modesta gravura de Helenos, na parede: – “É esta obra-prima, o que quer dizer? Não pessoalizemos. Na época do registro em campo eletromagnético, fazer pintura é simplesmente produzir mais lixo. A questão da sociedade pós-industrial é o lixo. Pintura é informação sobre matéria. É uma loucura. Ela é perceptível. É produzir lixo. Sou contra a pintura porque é fazer mais lixo. O museu? (respondendo a uma pergunta do cineasta-admirador) é o caminho entre a arte e o lixo”.

Contudo, é este homem voltado para as novas tecnologias da comunicação, do registro e das novidades da produção científica que, no ano de 1967, fez quase uma centena de conferências nas universidades europeias explicando o governo militar brasileiro como uma tomada de poder para colocar ordem na casa e posterior devolução do poder aos civis. Nesta época era professor no Rio de Janeiro, na Escola Rio Branco. Ajudava a formar os diplomatas brasileiros. Em 1968 continuou a fazer conferências, mas já não falava em nome do governo brasileiro. Parou de “cair no logro de suavizar a Revolução”. Talvez este logro seja possível para os que descreem absolutamente nas ideologias. Para Flusser, um homem que faz reflexão sobre a era pós-industrial, obviamente não existe a ideologia como discussão de projetos sociais e políticos opostos. A luta se situa, ao contrário, em intervir na sociedade cibernética e conseguir a possibilidade de o indivíduo ser livre. Tudo se passa, segundo Flusser, em alguns poucos centros científicos do mundo. Uns poucos lugares, muito poucos, situados nos Estados Unidos, Israel, Europa e, quem sabe? Índia. O futuro do mundo se passa nestes lugares. A pergunta que fica é: quem financia estes centros de produção científica? E os que financiam não podem determinar os rumos da pesquisa e favorecer a guerra ou as técnicas de dominação?

Finalmente Flusser parece me escutar. Interrompo o seu monólogo e ele fala em “nós” na nossa missão, no papel do intelectual. Não aceito, é claro. Sou um repórter que faz perguntas. Flusser acredita que isto é importante. Trata-se do Poder e da ciência. Mas, além do Poder, a própria pesquisa tem o seu rumo próprio, ninguém pode controlar inteiramente a pesquisa. E a ciência está na frente da política e do Poder. É incontrolável e, finalmente, estes centros hipotéticos de produção do futuro mantêm um intercâmbio entre si, incontrolável pelo Poder. E aqui Poder tem realmente maiúscula.

A guerra não é um problema para Flusser. Não haverá guerra nuclear. Ele é um checo que fugiu de Praga 15 dias após a ocupação alemã, na Segunda guerra. Ele tinha 20 anos e estudava filosofia e línguas. Respondeu a um anúncio de jornal e conseguiu um emprego na Tailândia. Fugindo, foi preso na Holanda e se encaminhava para um campo de concentração alemão. O futuro sogro conseguiu libertá-lo. Ele passou pelo Brasil e foi comunicado, no Rio de Janeiro, em trânsito para a Tailândia, de que seu pai fora morto, juntamente com o prefeito de Praga. Era judeu, socialista e membro da Segunda Internacional. Os cariocas o levaram a uma sinagoga para o Kadish, oração aos mortos. Foi a primeira e mais emocionante visita de Flusser a uma sinagoga. Resolveu ficar no Brasil. As suas informações lhe contam que, depois, os japoneses mataram todos os brancos que encontraram na Tailândia. O Brasil salvou a sua vida. Histórias de um tempo e de um espaço pouco conhecidos pelos brasileiros. Naquela

época Flusser já era um intelectual, fizera curso em Cambridge, na Inglaterra. Mas obedeceu à sua intuição. Foi outra ação brasileira que o devolveu à sua vida de intelectual europeu. Em 1970 foi contratado por Cicilo Matarazzo, capô da Bienal de São Paulo, inventor e comandante supremo da Instituição, como membro de um Conselho Técnico. Propôs, é lógico, fazer a Bienal de Comunicação. Estava lecionando comunicação na Faap.

Em nome da Bienal montou dois escritórios na Europa, um em Paris, outro em Genebra. Ficou um ano em Genebra. Ficou definitivamente na Europa, “como um desenraizado, viajando seis meses por ano”. O que o motivou a modificar sua vida? Um tipo de impulso, a sedução da vida vibrante, a discussão de ideias, as oportunidades de convívio. A sedução da luz do pensamento.

Flusser dedica-se a observar o que está morrendo e o que está vivendo. Ele procura identificar o arcaico e o futuro. Ele gira em torno dos novos conceitos da ciência, perturba-se com a teoria da indeterminação, discute a imagem fílmica e, com a falta de giz e lousa, agita as mãos. O seu percurso em torno do reduzido espaço lembra as suas conferências. Gesticulações, gestos bruscos, óculos na testa, gola rolê e paletó. Os ombros são curvados e as costas abauladas, enrijecidas. Vale apenas o pensamento e deve ser difícil segurar uma cabeça tão pesada e determinada. Flusser acredita que a nossa civilização é contra a natureza e os seus amigos, os Verdes, da Alemanha, são traidores da nossa civilização. O futuro, na sua irritada opinião, é menos natureza e mais cultura. A jovem também o irrita, pois é bela e plácida. Ela não gesticula e não dá opinião. É burra. As mãos falam sozinhas, pois o corpo não acompanha o discurso. Ou acompanha. Qual o acompanhamento para esta opinião, “mais cultura e menos natureza”, senão as costas abauladas e rígidas?

É irresistível a provocação. Flusser, como ficam as partes constitutivas do ser humano? E se ele for emoção, sensação, sentimento e pensamento, como diz a tipologia junguiana? Você não será o desequilíbrio, o domínio completo do pensamento? Como entender que alguém proponha o fim da pintura porque o homem pode registrar informações em campo eletromagnético? É suficiente uma nova mídia para destruir a ancestralidade da cultura? Vilém Flusser ficou surpreso. Enfim, ele estava diante de um marciano.

– O século passado foi caracterizado pela máquina. Hoje o modelo é o cérebro. O que caracteriza esta época é o modelo do cérebro. Não é mais a extensão e multiplicação dos membros, mas do cérebro. As maquininhas pensam. Tudo está resumido nisto. Na capacidade de nosso cérebro. Nós formamos teorias sobre o futuro, nós estamos absolutamente certos destas teorias. Outras pessoas, também, estão absolutamente certas sobre o futuro e pensam diferente de mim. Mas o certo é que tanto estas pessoas quanto eu, nós que estamos absolutamente certos do futuro, estamos errados. Nós não temos condições de saber nada. Estou convicto disto. Mas há uma modificação. Os padres, a Igreja, na Idade Média não valorizavam a ação. O sapateiro ao fazer o sapato, construir uma forma, o fazia em cima da ideia de sapatitude. Mas o sapato era uma pálida ideia do conceito sapatitude. Os monges olhavam para o ato de fazer sapato com desprezo. Mas a vitória do burguês muda isto. Ele sabe que deve agir, comerciar e isto é que é o seu poder. Desta maneira ele valoriza o fazer, o ato criador. É quando surge a arte. Arte é somente isto, o modo de fazer. Com a vitória do burguês, temos a vitória desta coisa absurda e sem finalidade, a arte. E que agora chega a seu fim. Colocar

informação sobre matéria é absolutamente tolo e estranho. Isto se tornará lixo. Não importa se é em um ano ou em mil. Como o sapato que envelhece, perde a forma. Mas é possível encarar outras objeções e há, é inegável, uma crescente desconfiança na ciência. Então a ciência passa a ser considerada como uma espécie de ficção, já que o pesquisador influencia o destino e o resultado da pesquisa.

– Bom, Flusser, nós estávamos falando na emoção, na intuição, nos instrumentos da arte e, certamente, eu colocaria em dúvida a veracidade desta sua onipresente ciência...

– Olhe, não me provoque. O papel do intelectual é um pouco o do bobo da corte. Nós não somos cientistas e não somos o Poder. A arte é uma forma de conhecimento, ela nos proporciona uma forma, uma espécie de conhecimento. Não gosto desta palavra grandiosa, “arte”, mas ela formaliza uma espécie de conhecimento. Nós temos a ficcionalização da ciência e uma epistomalização da arte. Começa a surgir uma zona cinzenta que não é arte e não é ciência. Uma área sempre mais densa. A tal ponto que existem pessoas, entre as quais me considero, não sem reservas, que consideram a ciência uma espécie de arte, uma arte disciplinada. Outro ponto é que a técnica visa o suporte da arte, como isto pode ser entendido modernamente. Eu penso no design, na ideia da funcionalidade, que é uma ideia estética. De modo que você vê, existe também uma área cinzenta entre técnica e arte. Os conceitos arte e ciência começam a ser confundidos. Eu que sou inteiramente irresponsável tenho, também, uma grande dificuldade de distinguir entre técnica e política... são disciplinas que visam o bom, o que deve ser. E se técnica e política podem ser confundidas, pois têm a mesma função, política e arte começam a ser confundidas e a ser a mesma coisa. Nós estamos assistindo, a meu ver, uma fusão destes termos. Nós estamos voltando à ideia do homem universal.

– Meu caro Flusser, mas você, o homem do raciocínio, da cultura mais e mais e da natureza menos e menos, falar em retorno, na substituição de uma sociedade histórica por uma sociedade ritualística, do homem universal...

– Nada disto. É em outro nível. Na Idade Média já havia este homem universal!

Vilém Flusser atingiu verdadeiramente um ponto de combustão. Agora saberemos qual seu desejo secreto. O homem universal motiva o pensador. Ele lembra imediatamente de Leonardo Da Vinci, o gênio de todas as técnicas, ciências e arte. Não sei se agrada a Flusser a indiferença de Da Vinci aos sistemas políticos e ao destino das pessoas. Da Vinci dedicava-se somente ao seu saber. Nem mesmo se interessava em terminar o que havia começado. Se o seu conhecimento ficasse satisfeito, não terminava a obra. Saber é a meta. Não se conhece nenhum amor de Leonardo. Ouvem-se histórias de aventuras sexuais. Da Vinci não parece ter tido tempo para o amor, esta frivolidade. Discutir se a Mona Lisa é um rapaz ou uma mulher grávida, não tem sentido. Da Vinci preocupou-se com a pintura, a combinação cromática, a reação de uma cor diante de outra cor, a relação das áreas de sombra e luz. Escreveu sobre isto. A sua teoria das cores foi notável. É um grande pensador científico. Ou artístico, já que para ele todas as coisas tinham o mesmo valor. Eram instrumentos de conhecimento.

– Leonardo era um homem total. Mas as capacidades limitavam a possibilidade de armazenar informações. Este era o limite humano. Hoje este limite não existe mais. A

capacidade de armazenar informações é ilimitada. Nós estamos diante do homem total, aquele capaz de ter todas as informações. Não existem mais limites para a capacidade do homem. Nós só temos que manejar estas memórias, aprender a manejar estes sistemas. O homem total!

É o professor Vilém Flusser, primo de Franz Kafka, amigo de Barthes, debatedor de Moles, conferencista, habitante de todas as universidades, teórico da comunicação, filósofo, escritor. Um habitante errante do mundo, um desenraizado, como afirma. Ele está vibrante e gesticula para nós, uma pequena plateia de um repórter, um admirador e uma jovem de 20 anos, plácida e calada, suavemente risonha, como se fosse, num inesperado retorno, a Mona Lisa do nosso caro mestre.